A MUSICALIZAÇÃO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA AUTISTA: UMA BASE NORTEADORA

FRANQUELENE DONAI BARROS PEREIRA FORTUNATO

RESUMO: Atualmente na educação brasileira o professor encontra diversos desafios ao lecionar. Além de barreiras relacionadas ás políticas públicas e a gestão educacional nacional, ele também deve estar preparado para atender alunos com necessidades educacionais especiais. As salas de aula das escolas em âmbito nacional, atendem alunos portadores de deficiências, sejam elas intelectuais, cognitivas ou físicas. O presente estudo consiste em uma base norteadora para educadores que se depararam cotidianamente com o autismo presente na sala de aula das escolas brasileiras. Mediante a lei de inclusão, a educação brasileira se depara com diversos estudantes que apresentam necessidades educacionais especiais – sejam elas intelectuais, cognitivas ou físicas - e o professor deve estar preparado para proporcionar a este estudante um ensino que atenda suas necessidades educacionais garantindo seu aprendizado e desenvolvimento.
A criança autista necessita de uma intervenção especializada em sua vida escolar por apresentar particularidades que podem ser uma barreira em seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. Dentre inúmeras metodologias, este trabalho aborda como a música talvez possa ser uma ferramenta metodológica de ensino que atenda parte das necessidades escolares e de aprendizagem dessa criança. Portanto, este estudo busca compreender como a criança autista se beneficia do uso da música em seu processo de desenvolvimento e aprendizagem, trazendo exemplos de como esta ferramenta pode ser usada na educação da criança autista.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; desenvolvimento; aprendizagem; autismo; música.

ABSTRACT: Classrooms in schools nationwide serve students with disabilities, whether intellectual, cognitive or physical. This study provides a guiding basis for educators who have come across autism in Brazilian classrooms on a daily basis. Due to the inclusion law, Brazilian education is faced with many students who have special educational needs – whether intellectual, cognitive or physical – and teachers must be prepared to provide these students with an education that meets their educational needs, ensuring their learning and development.

KEY-WORDS: Education; development; learning; autism; music.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente na educação brasileira o professor encontra diversos desafios ao lecionar. Além de barreiras relacionadas ás políticas públicas e a gestão educacional nacional, ele também deve estar preparado para atender alunos com necessidades educacionais especiais. As salas de aula das escolas em âmbito nacional, atendem alunos portadores de deficiências, sejam elas intelectuais, cognitivas ou físicas.
A constituição de 1988, garante a matrícula de alunos com necessidades educacionais especiais em escolas públicas brasileiras. Esta lei ainda estabeleceu o direito à escolarização de toda e qualquer pessoa, oferecendo igualdade de condições de acesso à educação e permanência na escola, além da garantia de "atendimento educacional especializado" ás pessoas portadoras de necessidades educacionais especiais. E esta inclusão á escolarização deve ser feita preferencialmente na rede pública de ensino. (BRASIL, 1988). Reafirmando esta determinação de lei, em 1996 a Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional focou a obrigatoriedade do atendimento educacional especializado e gratuito para as pessoas com necessidades educacionais especiais, e foi neste momento que a chamada "lei de inclusão" ganhou força no cenário da educacional brasileiro.
Entre os alunos considerados na definição oficial "portadores de necessidades educacionais especiais", estão as pessoas com autismo. (BRASIL 2008)
Nas salas de aula espalhadas por toda a na-

ção há muitos autistas, porém, não há um número estimado de quantos autistas existem no país. Em alguns casos há o atendimento especializado garantido por lei, mas infelizmente nem todos recebem este atendimento, sendo acompanhado em sua trajetória escolar somente pelo professor titular de sala.

A Criança autista apresenta dificuldades intelectuais, comportamentais e de interação social. Na maioria dos casos, a aprendizagem ocorre em um rítmo diferente do que é considerado normal, e há necessidades de adaptações metodológicas nas atividades escolares para superar barreiras no processo de escolarização.

O presente estudo pretende pesquisar detalhadamente o processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança autista, relacionando estes processos com o uso da música em cada um deles, compreendendo de que forma a música auxilia na superação das barreiras presentes no processo de escolarização da criança autista. Para isto, foi realizada uma minuciosa pesquisa bibliográfica entre os principais estudiosos sobre o tema, além das leis nacionais atuais relacionadas à inclusão escolar.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1- BREVE HISTÓRICO DO AUTISMO

A história do autismo é marcada por grandes evoluções, desde a primeira determinação de seu conceito até a descoberta de todas as formas que ele pode se apresentar nas diferentes pessoas. Ele foi inicialmente, confundido com outros transtornos, porém teve seu conceito fundamentado em 1911.

Quanto ao seu conceito, Téran afirma:

> O termo "autismo" foi nomeado pelo psiquiatra Leo Kanner, tendo como base a terminologia originalmente concebida por seu colega suíço Eugene Bleuler em 1911. Breuler utilizou o termo "autismo" para descrever o afastamento do mundo exterior observado em adultos com esquizofrenia, que tendem mergulhar em suas próprias fantasias e pensamentos. (TÉRAN, 2014, p. 447)

A partir dessa pesquisa e denominação de Kanner é que os estudos sobre autismo avançaram, ganhando mais estudiosos interessados na síndrome.

No ano de 1943, Kanner realizou um estudo com a participação de 11 crianças que apresentavam características do transtorno autístico, porém estas crianças não tinham esquizofrenia (nessa época, autistas eram consideradas pessoas psicóticas e esquizofrênicas).

Os estudos de Kanner determinaram a primeira definição do autismo e a que é usada atualmente. A palavra em si é de origem grega "autos", cujo significado é "próprio", alguém retraído em si mesmo.

Em 1947, foi chamado de esquizofrenia infantil, pois diversos pesquisadores consideravam o autismo uma manifestação adiantada da esquizofrenia. (SALLE et al , 2005). De acordo com as afirmações de Orrú (2007), em 1949, Kanner declarou que o autismo era denominado "autismo infantil" por conta da dificuldade de socialização dos indivíduos e seu desejo obstinado por alguns objetos, além da apresentação de dificuldades na comunicação verbal, o que refletia diretamente no processo de comunicação interpessoal. Todas essas características se manifestavam na infância.

Ainda em 1949, foi determinado por Kanner o primeiro subtipo do autismo, denominado por ele "autismo secundário", que se manifesta aproximadamente no segundo ano de vida, dando evidência de sua presença através do comprometimento da linguagem e desenvolvimento das relações sociais.

As crianças com comportamentos similares ao autismo, porém não suficientes para o diagnóstico, possuem uma variação da síndrome denominada pelo Doutor Hans Asperger de "Psicose autista".

Provavelmente estes pesquisadores basearam suas pesquisas estudando grupos diferentes de pessoas, o que possibilitou diferentes interpretações e que gerou e formulou as conhecidas "Síndrome de Asperger" e " Autismo de Kanner" correspondentes consecutivamente à autismos de baixo e alto nível que conhecemos atualmente.

Somente em 1954, Kanner deu maior atenção ao denominado até então "Autismo Infantil" como uma psicose. Deu continui-

dade aos seus estudos seguindo essa linha de pesquisa, acreditando na importância e relevância do assunto dentro do campo da medicina, psicologia e psiquiatria.
Em suas pesquisas anteriores ele constatou o autismo somente em pessoas com algum nível de retardo mental, porém no decorrer de suas pesquisas, encontrou indivíduos com características do quadro autístico , porém sem retardo mental.
Atualmente, já é um fato conhecido que o retardo mental não é uma característica do autismo, porém uma grande parte dos autista podem apresentar diferentes níveis de retardação da mente, mas como uma condição associada ao autismo e não causadora da síndrome.
Diante destes estudos, somente em 1958, o pesquisador J. Anthony diferenciou o autismo em grau primário idiopático do autismo de grau secundário. Sobre esta pesquisa, Rutter afirma que:

O pesquisador atribuiu ao primeiro um retraimento neonatal ou privações sensoriais com possível lesão cerebral, enquanto que o segundo aparecia após um ano ou um ano e meio, apresentando posteriormente, retraimento psicótico. (GOMÉZ, TÉRAN, 20014, p.463).

Foi também no ano de 1958 que Margareth Mahler diferenciou a denominada “psicose infantil e adulta” da “Psicose infantil simbiótica”. Gómes e Téran (2014) ao comentarem sobre essa diferenciação afirmam que os sintomas característicos da psicose simbiótica manifestam-se quando há separação da criança de sua mãe devido ao processo natural de maturação normal e as possibilidades físicas. No autismo o fato de não reconhecer a própria mãe e não demonstrar relação à estímulos se evidenciam desde as primeiras semanas de vida.
Em 1963, diversos fatores contribuíram para a mudança da forma como o autismo era visto em questões científicas e em seu tratamento. Segundo uma complexa pesquisa realizada por Rutter em 1963, foram por ela apontadas algumas evidencias sobre o autismo e características principais da síndrome: desinteresse social, dificuldade na elaboração da linguagem oral responsiva, conduta motora diferenciada.
Na década de 70 o surgimento das teorias e metodologias cognitivas originou uma investigação e formas de intervenção mais organizada sobre o autismo em questões comportamentais voltadas a socialização do indivíduo.
Rituo em 1976 publicou em um livro, onde abordava o autismo como um distúrbio de desenvolvimento, apontando os déficits cognitivos da criança autista e afirmando que as características se manifestavam desde o nascimento, compreendendo as diversificações e intensidades manifestas diferentemente em cada indivíduo.
O TEA é um agrupamento que engloba transtornos que possuem uma característica oficial estabelecida para uma determinada classe de desordens do desenvolvimento integral do cérebro, que ocorrem antes, durante ou até mesmo após o nascimento.
A maioria destes distúrbios são caracterizados pela dificuldade apresentada pelo indivíduo em comunicar-se e interagir socialmente, assim como a demonstração da necessidade de execução de movimentos repetitivos, denominados estereotipias, que têm o objetivo de ajudar o indivíduo a se regular emocionalmente.
É importante salientar que mesmo que seja possível que estas características estejam presentes de forma comum em todos os transtornos do espectro autistas, elas se manifestam com graus de intensidade diferentes em cada sujeito, estabelecendo, portanto a diferença das intervenções educativas entre os autistas. Também é importante evidenciar, que apesar do transtorno ser o mesmo, cada indivíduo é diferente do outro, não havendo uma fórmula única e exclusiva que deva ser aplicada e auxiliar todas as pessoas autistas. As características das pessoas com TEA podem ser evidentes e notadas logo após o nascimento, ou só serem perceptíveis ao longo do desenvolvimento da vida.
Todos os transtornos inseridos neste grupo são facilmente associados com a deficiência intelectual; as dificuldades com a praxia fina e ampla e alguns distúrbios de atenção, o que compromete diversas habilidades necessárias para a aprendizagem do indivíduo em um ritmo considerado comum.

Em alguns casos os autistas apresentam problemas físicos relacionados ao sono ou distúrbios gastrointestinais. Na maioria das vezes, o autismo vem acompanhado de algumas síndromes, como por exemplo, o déficit de atenção ou hiperatividade; dispraxia ou dislexia.
A dificuldade de aprendizagem é uma barreira presente na vida das pessoas com TEA, e não se resumem somente em dificuldade de cunho escolar, mas em coisas cotidianas da vida, como tomar banho e escolher a própria roupa. Alguns se desenvolvem em um tempo maior do que é considerado normal, outros necessitam de apoio especializado por toda a vida. As intervenções efetivas realizadas com a criança autista visam a melhoria convivência social. O estímulo à interação é realizado através de jogos, instrução social em
diversos contextos de interação e a abordagem de questões comportamentais.
Para que estas intervenções alcancem algum resultado no comportamento social e interação do indivíduo autista quanto mais cedo elas começarem, maiores as chances de melhorar a qualidade de vida do indivíduo.
Na maior parte dos casos, o ensino deve ser repetitivo para que as informações sejam processadas e assimiladas pelo indivíduo, a fim de que ele alcance a compreensão de como usa-las no convívio social. A atenção adulta também não pode ser negligenciada, pelo contrário, deve ser individualizada e diária. Um dos componentes mais importantes nessas intervenções é o protagonismo da família durante todo este processo de estímulo á socialização. E para verificar o progresso do indivíduo, a avaliação se faz necessária, porém neste caso ela deve ser feita através da observação e análise de comportamentos em meio á atividades coletivas.
Algumas características são comuns entre autistas porém todas podem ser estimuladas para que sejam aos poucos desenvolvidas e as dificuldades sejam amenizadas. Os pais devem compreender a forma pela qual a criança autista deve ser educada.
Limites e disciplina devem acompanhar a educação do autista, pois a síndrome não vem acompanhada da ausência de educação e limites. Por este motivo, os pais também devem ser treinados para compreender como lidar com a criança autista, não cedendo à todos os seus caprichos. Existe a necessidade do “não”, assim como a compreensão de quando ela não entende o “não”.
O estímulo ao contato visual, a fala, as relações e atitudes de afetividade também podem ser estimuladas por pais , professores e demais profissionais das especialidades pelas quais a criança passa.
O comportamento deve ser estimulado pelo reforço positivo que consiste em reforçar aquilo de bom que a criança faz através de elogios e trocas as quais julgar necessárias e interessantes para a criança. A aplicação de regras e prejuízos caso elas forem quebradas também é necessário para que a criança compreenda a vida em sociedade e devem ser usadas em casa e no ambiente escolar.
Na escola, a turma também deve ser incentivada a contribuir com o processo de interação da criança autista; eles também devem se adaptar á criança, e a melhor forma de estimular essa aceitação e compreensão do outro é fazê-las entender que as atitudes delas são importantes para o desenvolvimento daquele amigo que possui algumas necessidades educacionais especiais.
É importante compreender que estas intervenções não evidenciarão uma mudança comportamental em curto prazo. O aprendizado da criança autista acontece, porém em um ritmo mais lento do que o que é considerado comum, porém em longo prazo as intervenções evidenciam um avanço na interação social do indivíduo para com a sociedade e consequentemente da sociedade com ele.
As intervenções são necessárias e eficazes, porém devem ser feitas de maneira correta, onde os indivíduos responsáveis pela educação da criança não possuam falas diferentes entre si, para que a criança compreenda de forma global a forma correta de agir mediante determinadas situações no contexto em que está inserida.

2.2- A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA AUTISTA E SEU PROCESSO DE INCLUSÃO NA ESCOLA.

O objetivo central da Educação Especial é a redução de obstáculos que impedem o indivíduo portador de necessidades educa-

cionais especiais atingirem seu completo desempenho na participação das atividades coletivas e a plena e ativa atuação na sociedade. (Nilson, 2003).

As práticas inclusivas evidenciam um avanço nas ideias referentes à Educação Especial. A questão da inclusão tem sido alvo de grandes discussões e debates no contexto educacional brasileiro, entendendo que a palavra inclusão no contexto educacional não é sinônimo da palavra integração. Acredita-se que a integração visa inserir o sujeito na escola – um ambiente já estruturado; esperando que ele se adapte ao que já está pronto, enquanto a inclusão remete à ideia de redimensionar as estruturas físicas da escola, as atitudes da equipe escolar e educandos, a reformula do currículo, a fim de atender as necessidades educacionais especiais do educando. Na integração o sujeito se adapta à escola, na inclusão a escola se adapta para receber o aluno portador de necessidades especiais.

Segundo Ellis (1996), é improvável que toda criança autista tenha um atendimento educacional especializado, mesmo que este seja garantido por lei. Cada jurisdição escolar disponibiliza diferentes formas de atendimento às necessidades especiais apresentadas por alguns de seus educandos, mas o atendimento especializado é o menos utilizado, e quando ele existe, nem sempre é o suficiente para atender a demanda.

Desde que suas habilidades intelectuais as tornem capazes da mínima socialização, crianças com pequeno grau de autismo são inseridas na sala de aula sem um atendimento especializado, tendo suas dificuldades e necessidades educacionais especiais reconhecidas e acomodadas.

Infelizmente crianças com considerável grau de autismo e consequentemente severas dificuldades de aprendizagem, estão em instituições escolares que não reconhecem suas necessidades reais para um a aprendizagem significativa, e por este motivo causam problemas consideráveis de socialização. Alguns casos de autismo são exceções e devem frequentar uma escola especializada, porém a maioria dos autistas possui a necessidade da socialização, e conseguem frequentar a escola regular. A criança autista aprende por meio do contato com seu semelhante, e coloca-la em contato com outros alunos, possivelmente pode- se retirá-la da zona de conforto ajudando-a a conviver em sociedade.

Ainda assim, a melhor solução para o completo e possível desenvolvimento da criança autista é o investimento intelectual proporcionado pelo atendimento educacional especializado.

A pessoa autista tem uma série de limitações relacionais, e isso influencia diretamente em seu processo de aprendizagem.

A interligação no ambiente educacional ainda é um desafio complexo para o indivíduo autista, o que consequentemente agravam as dificuldades no processo de aprendizagem.

O autista possui diversas barreiras que prejudicam seu desenvolvimento e aprendizagem; os mais agravantes são: a dificuldade de organização, distração e a compreensão de ordem sequencial.

A ansiedade por não compreender o tempo cronológico e a sequencia das atividades que serão propostas no dia torna o comportamento da criança autista agitado. Por apresentar dificuldades em memorizar questões abstratas, a rotina visual deve ser feita diariamente para que a ansiedade colocada sobre a atividade seguinte seja amenizada mediante a sensação de domínio sobre os próximos acontecimentos do dia.

A organização é algo muito complicado para uma criança autista. O ato de organizar requer a compreensão do que deve ser feito e um plano de execução para a realização da tarefa. Por este motivo, muitas vezes os autistas não são capazes de desenvolver completamente e organizadamente tarefas relativamente simples. Como forma de estímulo, é importante que haja algo concreto que o leve a compreender a necessidade de guardar o brinquedo, arrumar a mochila para ir para casa, etc. Essa intervenção pode ser feita com imagens ou com objetos que ilustre a atitude que deve ser tomada por ele naquele momento.

A distração é um problema presente em todos os casos de autismo e um dos que mais prejudicam a aprendizagem da criança. Ruídos, conversas alheias ou qualquer coisa que aconteça ao seu redor, por mais simples que seja já é motivo que o desconecta da-

quilo que estava fazendo. É preciso perceber o que rouba a atenção da criança para que seja evitado na hora das atividades.
A dificuldade em sequenciar também é uma dificuldade comum entre os autistas, pois eles apresentam resistência em lembrar das ordens sequenciais das tarefas. Não compreender que se desarrumar a sala em seguida deve arrumar e/ou se brincar com brinquedos depois é necessários guarda-los são questões presentes no cotidiano da criança autista. O uso de recursos didáticos e visuais ajudarão na compreensão da ordem sequencial, a a observação da atitude do colega de sala levará a criança autista à compreender o que deve ser feito, pois ele agirá pela imitação.
O egocentrismo é uma característica muito presente nos autistas, mesmo que tenham recebido orientações sobre a necessidade de partilhar. O incentivo à partilha na educação infantil deve acontecer com estratégias como elogios quando a criança divide algo, jogos coletivos e/ou jogos de mesa que ensinam a criança a esperar a sua vez e a respeitar o espaço do outro.
A criança autista é capaz de aprender e desenvolver suas habilidades. Existem inúmeras formas de intervenção na aprendizagem da criança autista: delimitação de objetivos educacionais; avaliações de desempenho pedagógico; intervenção na comunicação-interação e intervenções no sistema cognitivo e em questões comportamentais.
Os objetivos educacionais e avaliação pedagógica concentram-se em relacionar o que a criança já demonstra saber e traçar novos desafios para o progresso da criança. É avaliar a criança de acordo com a sua forma de aprendizagem. Ao mesmo tempo que ela demonstra saber fazer determinadas coisas, é perceptível suas dificuldades para a realização de atividades, e demonstram grandes frustrações por isso. Neste caso, os educadores devem elaborar estratégias para acalmar a criança, e a mais indicada é a música.
A atividade de avaliação assim como todo o processo de ensino da criança autista deve ser feita por métodos didáticos concretos, compreendendo sua dificuldade em compreender questões abstratas.
A Intervenção na área de comunicação- interação objetiva auxiliar a criança no processo de socialização. Os professores devem ter um olhar atento com as crianças autistas de forma que elas compreendam a atenção que estão recebendo. Devem ajuda-las a compreender as atitudes corretas e incorretas. Estabelecer contato visual é algo que deve ser feito diariamente, e explicar à ela sua rotina diária, os espaços que irão explorar naquele dia, a fim de que ela se sinta segura e diminua a ansiedade sobre o que irá acontecer depois.
As Intervenções na área cognitiva Consistem o desenvolvimento da concentração, imaginação e criatividade. Ajudar a criança a compreender o que esta fazendo, desenhando, do que está brincando e quais são as regras de um jogo. Dessa forma ela conseguirá por si mesma discernir atitudes corretas de incorretas.
A intervenção em questões comportamentais consiste em fazer com que a criança compreenda quais atitudes e ações não são indicadas para o convívio social. É estimulada a descobrir como agir diante de determinadas situações, compreendendo sempre o porquê da correção de determinadas atitudes, sendo encorajada constantemente com elogios e trocas de afeto. Os autistas são muito sensíveis à sentimento, então frases como " isso nos deixa muito tristes" e/ ou " estou muito feliz! Parabéns!" são frases que podem levar a criança a compreender o resultado de suas atitudes, discernindo quais são corretas e quais não são.

2.3 - A MÚSICA RECURSO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS

Como pode ser observada, a prática docente em qualquer modalidade de ensino busca frequentemente estratégias que facilitem o processo de ensino, garantindo o aprendizado: sempre dando importância à formação integral do sujeito, garantindo a construção de um cidadão que conheça os seus direitos e que cumpra com seus deveres diante da sociedade, não deixando de lado o desenvolvimento no aspecto motor, cognitivo e afetivo.
A busca por ferramentas sonoras e visuais vem crescendo. Por conta do avanço da mídia, o uso da tecnologia tem sido um recurso usado na escola pois já faz parte da vida do

educando fora da escola.
Pensando em novas estratégias de ensino, a música passa a ser um recurso que faz parte do novo conceito de ensinar e uma nova ferramenta em meios á várias que tem surgido. A música tem sido avaliada como um excelente recurso didático na educação e desenvolvimento da criança. Ao pensar no uso da música de forma didática é necessário compreender " como o meu aluno aprende" e não "como eu devo ensinar". Sabemos que existem três formas de aprendizado tradicionais: alguns aprendem observando, outros escutando enquanto outros apreendem fazendo. A música comtempla todas estas formas de
aprendizagem e por isso abrange o desenvolvimento da totalidade do ser humano.

"A música pode oferecer uma forma não verbal de comunicação que facilita a expressão emocional e social das crianças com autismo." (Wigram, T., Pedersen, I. N., & Bonde, 2002, p. 33)

O uso da música pode ser feito de forma tradicional com um professor de música; ou usada por outros professores específicos ou polivalentes, desde que haja um objetivo em seu uso. O importante é possibilitar ao indivíduo diferentes formas pelas quais ele pode desenvolver-se integralmente, nunca esquecendo que o ser também é feito de laços afetivos, emoções, sentimentos e sonhos, e para humanizar a escola precisa ser humana.
Apesar dos diferentes graus de acometimento autista, todos podem aprender. Cada autista apresenta uma diferente relação com a aprendizagem, sendo assim, o que funciona com uma criança autista pode não funcionar com outra, pois há especificidades únicas em cada caso de autismo.
Os autistas apresentam grande sensibilidade sensorial. Isto é normal, assim como podem desenvolver de forma mais específica outros sentidos além do tato. Alguns podem gostar de som, enquanto outros se sentem completamente estressados com qualquer barulho acima da altura normal à qual ele se sente confortável. Os autistas que possuem sensibilidade sensorial demonstram dificuldade em conhecer adequadamente seu próprio corpo e como ocorre a comunicação através dele. Alguns podem não sentir temperaturas extremas, outros se balançam em movimentos repetitivos a fim de buscarem uma saída para aliviar o estresse ou demonstrar sentimentos relacionados à alegria.
Grande parte das crianças autistas demonstra facilidade em aprender através de recursos visuais, pois são atentas à detalhes e possuem uma capacidade de memória acima da média. Alguns conseguem concentrar-se por muito tempo em uma atividade se esta for de sua linha de interesse.
O uso da música na educação de pessoas autista tem sido alvo de pesquisas e experimentos no cenário educacional brasileiro.

A resposta positiva das crianças com autismo à música é frequentemente imediata e espontânea, mesmo quando há dificuldades em outras áreas do desenvolvimento. (Alvin, 1998, p.49).

As pessoas com autismo comumente apresentam suas habilidades sensoriais diferenciadas, tanto na forma de percepção quanto de processamento. Sabe-se também que elas apresentam uma facilidade maior na compreensão de informações espaciais e concretas e dificuldade em analisar partes separadas para chegar na conclusão de um todo.
Há um aspecto muito interessante ligado ao funcionamento cerebral das pessoas com autismo que evidenciam que elas mostram respostas neurofisiológicas delimitadas e em número reduzido para estímulos partindo de palavras. Isso significa que as palavras não são as melhores formas de estímulo para autistas, pois as regiões centrais do córtex pariental apresentam uma significativa limitação de palavras.
Segundo pesquisas que obtiveram resultados analisados em um diagnóstico fisiológico de alterações na pele dos indivíduos enquanto ouviam música, as pessoas com autismo demonstraram ter uma percepção significativa e apropriada dos sentimentos e emoções evocados pelo som. Foi possível notar a identificação de sentimentos como alegria, calma ou tristeza. A percepção dos sentimentos e a expressão emocional presentes na música são identificadas e com-

preendidas pelos autistas.

"A música estrutura o tempo, estimula a atenção e proporciona previsibilidade
— três elementos essenciais para o ensino de crianças no espectro autista." Gold, Wigram, & Elefant, 2006, p. 88.)

A música utilizada juntamente com a terapia no processo de desenvolvimento da criança autista, tem o objetivo de desenvolver talentos, habilidade e capacidades presentes no indivíduo, sendo benéfica para crianças, adolescentes e adultos pois:

- Proporciona a ação participativa das pessoas com autismo dentro da estrutura temporal presente na música, agindo como protagonista da mesma através de participações livre; exploração de instrumentos musicais, improvisações vocais, etc;
- A música oportuniza diferentes formas de expressão e comunicação socialmente adequado e aceito;
- Possibilita às pessoas com autismo assumir responsabilidades diante dos demais indivíduos;
- Estimula o aumento do repertório oral e desenvolvimento da comunicação verbal;

A música, é uma linguagem universal, e tem se revelado uma poderosa aliada no processo de ensino-aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Sua natureza sensorial, rítmica e emocional permite acessar caminhos cognitivos e afetivos muitas vezes pouco estimulados por métodos pedagógicos convencionais. Favorece de maneira significativa a comunicação, a interação social e o desenvolvimento da linguagem e aquisição de repertório. É um recurso não só pedagógico, mas afetivo e humanizador.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O autismo está presente na sociedade e tem preenchido as salas de aula. O não saber como atuar com ações pedagógicas a fim de proporcionar uma aprendizagem significativa para o aluno é um dos medos dos educadores.

A aprendizagem da criança autista é diferente, adaptada às suas necessidades educacionais especiais que devem ser supridas.

A música como recurso pedagógico desempenha importante função na educação das crianças autistas. Suas emoções são estimuladas, ambientes são criados e a aprendizagem acontece.

A simplicidade no planejamento, mas a complexidade de sua estrutura embasadora é que fazem que o processo de desenvolvimento infantil do indivíduo autista aconteça progressivamente.

É importante compreender que a educação lúdica deve ser a base norteadora no processo de ensino – aprendizagem da criança autista. Ela não entende o abstrato, então recursos concretos também são necessários.

A música sempre traz benefícios para o corpo e a mente, e a educação da criança autista deve usá-la para proporcionar ao indivíduo a oportunidade de aprender e se desenvolver da forma que lhe convém, diante de todas as suas dificuldades e limitações.

O sujeito autista tem a capacidade de aprender! Nós educadores precisamos buscar a melhor forma de ensiná-los e com isso, aprender com cada um deles.

O investimento em práticas musicais no contexto educacional de crianças autistas configura-se um ato de valorização da diversidade, de potencialização da inclusão escolar, de respeito à pluralidade das formas de aprender e de reafirmação do direito à educação inclusiva, acessível e sensível às singularidades de cada sujeito/ estudante.

4. REFERÊNCIAS

Alvin, J. (1978). Musicoterapia para crianças autistas.

BRASIL. Decreto Lei n. 339, de 22 de dezembro de 2005. Brasília, DF, 2005.

. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (Lei nº9.394/96, de 20 de dezembro de 1996). Disponível em: Acesso em: 24 jun. 2025.

. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3odo art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm>. Acesso em: 17 JUN. 2025.

BEYER, Esther. A abordagem cognitiva em música: uma crítica ao ensino da música, a partir de Piaget. 1998. Dissertação (mestra-

do em educação). Curso de Pós- Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.
BRITO. Teca Alencar de. Música na educação Infantil. São Paulo: Peirópolis, 2003.
DECLARAÇÃO de Salamanca e linhas de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília, DF: CORDE, 1994. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Sobre os Princípios, Políticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Espanha, 10 junho, 1994.)
ELLIS, K. Autismo. Ed. Revinter: Rio de Janeiro, 1996.
GARDNER, Howard. Estruturas da mente: a Teoria das Múltiplas Inteligências. Porto Alegre: Artes Médicas, c1994. Publicado originalmente em inglês com o título: The frams of the mind: the Theory of Multiple Intelligences, em 1983.
Gold, C., Wigram, T., & Elefant, C. (2006). Musicoterapia para transtorno do espectro autista.
GÓMEZ, A. M. S., TERÁN, N. E. Transtornos de aprendizagem e autismo. Cultural, S.A, 2014.
LAPLANE, A.L.F. (Org.). Políticas e práticas de educação inclusiva. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 5-20.
LIMA, P.A. Educação inclusiva e igualdade social. São Paulo: Avercamp, 2006. MAZZOTA, M.J.S. Educação especial no Brasil: história e políticas. São Paulo: Cortez, 1996.
ORRÚ, S.E. Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007.
SALLE, E., SUKIENNIK, P.E, SALLE, A.G, ONÓFRIO, R.F, ZUCHI, A. Autismo Infantil –
Sinais e sintomas. In: CAMARGOS Jr, W. e colaboradores.
TUSTIN, F. Autismo e Psicose Infantil. Rio de janeiro: Imago, 1973.
VIGOTSKI, L.S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
Wigram, T., Pedersen, I. N., & Bonde, L. O. (2002). Um guia abrangente para musicoterapia: teoria, prática clínica, pesquisa e treinamento.